

Videoreportagem: A Cultura Alternativa dos Híppes nas ruas de Belém do Pará¹

Felipe Matheus S F NOBRE²
Jobson MARINHO³
Juliana THEODORO⁴
Célia Regina Trindade Chagas AMORIM⁵
Universidade Federal do Pará - UFPA

RESUMO

A videoreportagem *Cultura alternativa dos híppes nas ruas de Belém do Pará* tem por objetivo fazer uma reflexão sobre o o jornalismo cultural para TV com a perspectiva de “expandir horizontes e até mesmo enxergar melhor o seu entorno”. (Piza, 2009). A videoreportagem faz parte do programa “Círculo”, produto final da disciplina Laboratório de Telejornalismo 2014, do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal do Pará (UFPA). Para aliar teoria e prática, apresentamos uma síntese das práticas alternativa dos híppies, entendendo esta cultura como fundadora de uma geração que sonhou modificar o mundo a partir dos referenciais de paz e amor. Como marca do produto audiovisual, contextualizamos tal cultura a partir dos anos 60 do século passado, até os atuais grupos que se fazem presente aos sábados e domingos na Praça da República, localizada no bairro da Campina, centro de Belém.

PALAVRAS-CHAVE: Videoreportagem; Jornalismo Cultural; *Híppies*; Experimentação.

INTRODUÇÃO

O produto audiovisual intitulado “Videoreportagem: a cultura alternativa dos *híppies* nas ruas de Belém do Pará” estabelece suas bases no jornalismo cultural, pois apresenta como proposta o fundamental papel deste jornalismo, que nas palavras de Piza 2006, é “convidar e provocar o telespectador, pois o telespectador que se sente provocado por uma opinião está também sendo convidado a conhecer um repertório novo, a ganhar informação e reflexão sobre um assunto que tendia a encarar de outra forma” Piza. (2009, p.68).

¹ Trabalho submetido ao XII Expocom Norte 2015, na categoria jornalismo, modalidade Reportagem em Telejornalismo

² Acadêmico do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Pará: felipenobre1992@gmail.com

³ Acadêmico do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Pará: jobsonmurilo@hotmail.com

⁴ Acadêmico do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Pará: juu.theodoro@hotmail.com

⁵ Orientadora do trabalho. Professora Doutora do Curso de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM) da Universidade Federal do Pará. Coordenadora do Projeto Mídias Alternativas na Amazônia – CNPq-UFPA. Vice-diretora da Facom. E-mail: celia.trindade.amorim@gmail.com.

Nesta perspectiva, um dos exercícios que se impõe ao jornalismo cultural é a contextualização da sociedade. Não se pode conhecer nenhum fenômeno social sem as marcas do liame histórico. Assim cabe, neste trabalho, apresentar uma breve contextualização sobre o movimento *hippie*. O movimento surgiu na década de 1960 nos EUA, em uma época onde a sociedade sofria os reflexos do capitalismo como a Guerra do Vietnã, as desigualdades sociais e a miséria. O clima de insatisfação e desconforto era tão grande que diversos jovens se uniram e criaram o movimento, que tinha “por objetivo rebelar-se contra os valores instituídos pela sociedade e através do descondicionamento chegar à existência autêntica, embasada pela formação de uma ‘nova consciência’.” (Barros, 2009).⁶ Muitos desses jovens deixavam o conforto de seus lares para levar uma vida “regada” por sons, drogas e por novos padrões de comportamento. Outros defendiam o movimento, mas não eram usuários de drogas.⁷

Apesar de idealizarem uma sociedade sem guerras, justa e sem desigualdades, os *hippies* não se colocavam de forma isolada no mundo. Muitos deles atuavam como uma voz ativa contra ações políticas da época, como a manutenção dos Estados Unidos na guerra do Vietnã. Dessa forma, os *hippies* tiveram uma forte representatividade política na busca por seus ideais como a liberdade de amor, a proteção à natureza, o respeito às diferenças e à paz. Na aparência, os *hippies* vestiam roupas artesanais extravagantes e usavam cabelos e barbas cumpridas, o que era visto com maus olhos naquele período; apesar disso o movimento foi ganhando cada vez mais adeptos.

Os adeptos do movimento hippie viviam em comunidades e durante o dia praticavam agricultura, realizando comércio não com dinheiro, mas com trocas de produtos e favores. A natureza com suas maravilhas e encantos era vista por eles como um ótimo lugar para fugir dos padrões dos centros urbanos e da lógica do mercado capitalista.

Naquela época, os *hippies* eram muito ligados à arte e usavam acessórios como brincos, enfeites e adereços. Foi a partir daí que os *hippies* começaram a fabricar esses acessórios de artesanato para sustentar e ganhar dinheiro com sua própria mercadoria, e desse modo, eles valorizavam sua própria cultura mostrando sua arte.

No Brasil, em 1960, o movimento *hippie* teve uma grande expressão na Praça da

⁶ Conferir: “Movimento hippie consolidou rebeldia pacífica de 1960”. Disponível em: <http://g1.globo.com/Sites/Especiais/Noticias/0,MUL1267354-16107,00-MOVIMENTO+HIPPIE+CONSOLIDOU+REBELDIA+PACIFICA+DA+GERACAO+DE.html>. Acesso em 12 de abril.

⁷ Conferir “As lutas do Movimento Hippie”. Disponível em: <http://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/as-lutas-do-movimento-hippie.htm>. Acesso em 13 de abril. 2015

República, em São Paulo. Vários artistas começaram a expor seus artesanatos para venda, mas foram expulsos diversas vezes pela polícia. Tempo depois, as vendas no local foram legalizadas e ficaram conhecidas popularmente como Feira *Hippie*. As práticas de venda se espalharam para várias cidades do Brasil, e Belém do Pará foi uma delas.⁸

Praça da República em Belém do Pará

A Praça da República, localizada no bairro da Campina, centro da capital Paraense, é um ponto de encontro de adeptos da cultura alternativa. Aos domingos, dia de maior movimento no local, diversos hippies se encontram para vender o artesanato produzido por eles durante a semana. Com roupas extravagantes, penteados atípicos e uma forma diferente de levar a vida, os *hippies* ainda trazem consigo aspectos de um processo histórico que deixou rastros e que se torna evidente para quem visita a praça regularmente.



Figura 1 - *print screen* da Reportagem Cultura Alternativa nas ruas de Belém⁹

⁸ Conferir: Alternativos e Revolucionários: A história e Ideologia dos Hippies na década de 60 . 2015. Disponível em: <http://fashionatto.literatortura.com/2013/09/06/alternativos-revolucionarios-historia-ideologia-hippies-decada-60/>. Acesso em 12 de abril.

⁹ Vídeoreportagem Cultura Alternativa nas ruas de Belém do Pará . Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b-nltD8rMts>. Acesso em 13 de abril. 2015.



Figura 2 - *print screen* da Reportagem Cultura Alternativa nas ruas de Belém¹⁰

O produto audiovisual focaliza a Cultura *hippie* do ponto de vista do jornalismo cultural. Nele se pretende mostrar ao telespectador um movimento que persiste na cidade e que tem ainda uma representatividade forte nos dias atuais. Como ressalta Piza, o Jornalismo Cultural tem justamente a função de romper barreiras (2009, p.57). E prossegue o autor: “Seu papel, como já dito, nunca foi apenas o de anunciar e comentar obras lançadas nas sete artes, mas também refletir (sobre) o comportamento, os novos hábitos sociais, os contatos com a realidade político-econômica da qual a cultura é parte ao mesmo tempo integrante e autônoma”. (2009, p.57).

O Jornalismo Cultural se alimenta de uma percepção abrangente sobre os fatos e o mundo ao redor; e a carga cultural deixada pelo movimento *hippie*, que se faz presente na Praça da República de Belém do Pará, é reveladora para se compreender as múltiplas identidades culturais presentes no contemporâneo. Assim, a diversidade cultural aparece num formato audiovisual que remonta aspectos históricos que deixaram heranças e que têm resistido ao longo do tempo.

Com o surgimento de diversas tecnologias e mídias, torna-se cada vez mais necessário a prática do Jornalismo Cultural, como explica, Piza (pg. 67, 2009):

Com o surgimento de diversas tecnologias que recuperam o passado cultural (CD, DVD, Web), a análise cultural ganhou força. Isso se vê também na onda de grandes documentários culturais como os citados de Robert Hughes ou os que podem ser vistos em canais a cabo como Filme&Arts e o brasileiro GNT. (Piza (p. 67, 2009)

Percebe-se então a importância de retratar a cultura alternativa dos *hippies*, porque são

¹⁰ Vídeoreportagem Cultura Alternativa nas ruas de Belém do Pará. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b-nltD8rMts>. Acesso em 13 de abril. 2015.

representações importantes de um movimento presente na sociedade. No audiovisual trabalha-se com uma linguagem objetiva para narrar as características *Hippies* e sua cultura. A finalidade é fazer com que o telespectador entenda e passe a respeitar o universo dessa comunidade. Como afirma Piza, essas particularidades são importantes para o Jornalismo Cultural: “Faltam perfis que relacionem a personalidade do artista com sua criação, críticas que saibam se deter tanto na estrutura do filme como na sua eventual posição e recepção, articulistas que valorizem especialmente as ideias que mexem com nosso cotidiano.” (2009, p. 67)

OBJETIVO

O objetivo da videorreportagem foi apresentar, à luz do jornalismo cultural, a importância da cultura alternativa *hippie*, partindo de uma perspectiva histórica, até às heranças que o movimento da década de 1960 deixou; e que hoje tem ganhado cada vez mais evidência, principalmente no bairro da Campina, em Belém do Pará. Dessa forma, este trabalho televisivo exemplifica o circuito do movimento hippie, que se tornou legítimo nas ruas da capital e atrai interessados pela arte produzida por eles.

JUSTIFICATIVA

A cultura alternativa foi o tema escolhido para a produção audiovisual justamente por abordar aspectos de um movimento que tem uma forte representatividade nas ruas de Belém. Desse modo, a proposta se baseou em fazer uma análise dos hippies, partindo de uma perspectiva histórica e, assim, perceber a legitimidade cultural do movimento em Belém; pois como explica Piza (2009, pg. 62), a “cultura é expandir horizontes, até mesmo para enxergar melhor o seu entorno. O jornalismo Cultural deve se nutrir disso.”

Escolhemos o formato de videorreportagem, que é um formato jornalístico onde o profissional executa todos os processos da operação da câmera como filmagem, entrevista e edição. Além disso, sabemos do poder que a imagem tem na recepção do telespectador, que absorve as informações com mais exatidão. Rezende explica (2000, pg. 39) que:

A mensagem visual - televisiva ou cinematográfica- é “multidimensional” quanto a forma e “multissensorial” em relação aos sentidos, distinguindo-se da mensagem impressa e radiofônica. Por não ser arbitrária, a ligação imagem-signo dispensa o referente e prende-se diretamente ao seu significado. Se, no vídeo, aparece uma “estrela” do cinema ou dos esportes, o telespectador poderá identificá-lo posteriormente. A informação impressa requer o conhecimento da língua para operar a construção do sentido, a partir do signo oral ou escrito, indispensável para a compreensão da mensagem que se recebe.

Selecionamos também o formato de TV por estarmos cientes que o processo de produção, filmagem e edição seria um aprendizado vital por permitir que nós colocássemos em prática o que foi ensinado em sala de aula.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A disciplina de Laboratório de Telejornalismo da turma de 2012 se focou, desde o início, em discussões teóricas sobre o fazer telejornalístico e no processo de produção de matérias que iriam compor o programa Circuito, como a da cultura hippie tratada neste *paper*. Houve debates sobre temas específicos de cada matéria, definição e elaboração de pauta, escolha de personagens, recolhimento de dados, gravações e, por fim, a edição.

Apesar dos problemas de infraestrutura que a Universidade Federal do Pará possui, vários alunos tiveram apoio do Academia Amazônia, produtora audiovisual da Universidade, porém a nossa equipe optou por produzir conteúdo com equipamentos próprios para elaborar a videoreportagem, apostando no experimentalismo. Um experimentalismo que foi dialogado e supervisionado pela professora Célia Trindade Amorim, que ministrou a disciplina de Laboratório de Telejornalismo.

Com alguns equipamentos, a equipe tentou extrair o máximo de conteúdo dos personagens, utilizando também trilhas sonoras atraentes que se encaixam na proposta deste trabalho. Para fazer as filmagens, foi utilizada uma câmera digital Nikon D3200 e uma Nikon D5100, para a captação do áudio, usamos o microfone de Boom Yoga HT-81. Apesar disso, o áudio ficou um pouco comprometido por haver grande movimento de pessoas e por apresentações musicais no local, que são frequentes aos domingos. As sonoras foram tratadas no programa AudaCity e, após finalizadas as gravações, o material foi editado e o áudio sincronizado durante o processo de edição. Utilizamos o programa Pro Show Producer 5 pra essa etapa final do processo.

Executar a pauta e, posteriormente, trabalhar na finalização da videoreportagem foi uma experiência benéfica à equipe, principalmente porque permitiu que os alunos experimentassem o fazer jornalismo em todas as suas etapas do processo. A experiência foi enriquecedora, pois nos fez ultrapassar os muros da faculdade vivenciando na pele os desafios e os bastidores da reportagem.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Partindo de uma perspectiva histórica, a reportagem se atém, principalmente, aos personagens que se intitulam *hippies*, como o casal Valena Pinto, que nasceu no interior de São Paulo e Washington, conhecido no local como Lalo da Jamaica. Valena já viajou pra varias cidades do país, mas resolveu ficar em Belém pelas oportunidades que a cidade oferece. Para o casal, o norte é um ótimo lugar, pois é uma região que viabiliza a venda do artesanato, principalmente por ter um público que aprecia o que é produzido pelos *hippies*. Os produtos, carregados de superstição são vendidos nos mais variados preços e são a fonte de sustento dos dois.



Figura 3 - *print screen* da Reportagem Cultura Alternativa nas ruas de Belém¹¹

A videorreportagem conta também a história da família de *hippies* constituída por Maria, Joaquim, Tainá e Siloe, exemplificando os traços fortes da cultura alternativa. Maria nasceu no Uruguai e Joaquim no Peru, ambos são *hippies*; mas, diferente dos outros adeptos, o casal é cristão e por isso não são vistos pelos outros *hippies* com naturalidade, justamente pelo estilo de vida que o casal leva. Os dois acreditam que é possível ser feliz sem estar viajando para outros lugares, se alcoolizando ou se drogando.

O movimento *hippie* continua tão presente na Praça da República que foi possível encontrar integrantes de um grupo de *hippies*, intitulado "Movimiento Buena Vista". Os jovens se uniram, compraram um *treiller* e resolveram viajar país a fora, vendendo o artesanato que eles produzem. O grupo também já se adaptou as redes sociais e possui até uma página no *Facebook*, onde são postadas regularmente fotos dos jovens.

¹¹ Videorreportagem: Cultura Alternativa nas ruas de Belém do Pará. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b-nltD8rMts>. Acesso em 13 de abril. 2015.

CONSIDERAÇÕES

Todas as etapas de produção foram desafiantes para equipe. Desde a escolha do tema até a edição da reportagem. Uma das dificuldades foi a inconsistência dos entrevistados que às vezes não compareciam no dia da entrevista marcada previamente ou porque se deslocavam na praça para outro ponto de venda. Esta andança é uma característica da cultura dos *hippes*. Por conta disso, a equipe teve que se deslocar durante vários domingos para a Praça da República.

O som ambiente da praça, com forte barulho no local, foi uma marca registrada do produto audiovisual. Aos domingos são feitas apresentações musicais, e por isso o off de algumas entrevistas concorre com esse som ambiente, efeito assumido pela equipe.

De qualquer forma, apesar dos desafios enfrentados e superados, acreditamos que o tema e o formato da reportagem nos proporcionou abordar o Jornalismo Cultural de forma a entender que o seu papel é;

selecionar aquilo que reporta (editar, hierarquizar, comentar, analisar) influir sobre os critérios de escolha dos leitores, fornecer elementos e argumentos para a sua opinião, a imprensa cultural tem o dever do senso crítico, da avaliação de cada obra cultural e das tendências que o mercado valoriza por seus interesses, e o dever de olhar para as induções simbólicas e morais que o cidadão recebe. (PIZA, 2009, Pg 45).

Por fim, a equipe acredita ter conseguido colocar em prática os ensinamentos do Laboratório de Telejornalismo, ao aliar a teoria à prática e exercendo as funções do videorrepórter, enquadrando o tema abordado dentro do gênero de Jornalismo Cultural. Além disso, o experimentalismo, que foi uma proposta que permeou a disciplina desde o início, estimulando a ousadia de ir a campo e produzir notícias, independente das dificuldades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo. **Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, n 1946, p. 75. 2002.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Contexto, 3 Ed. 2009.

REZENDE, Guilherme. **Telejornalismo no Brasil**. São Paulo: Summus, p.39. 2000.

BARROS, Patrícia. **Movimento Hippie Consolidou rebeldia pacífica de 1960**. Disponível em: <http://g1.globo.com/Sites/Especiais/Noticias/0,,MUL1267354-16107,00>. Acesso em 2 abril de 2015.

G1 - Movimento hippie consolidou rebeldia pacífica da geração de 1960. Disponível em:

HTML.MOVIMENTO+HIPPIE+CONSOLIDOU+REBELDIA+PACIFICA+DA+GERACAO+DE.html. Acesso em 13 de abril. 2015.

HTML.

R7, História do Mundo - As lutas do Movimento Hippie. Disponível em:

<http://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/as-lutas-do-movimento-hippie.htm>. Acesso em 13 de abril. 2015

R7, Fashionatto - Alternativos e Revolucionários: A história e Ideologia dos Hippies na década de 60. 2015. Disponível em:

<http://fashionatto.literatortura.com/2013/09/06/alternativos-revolucionarios-historia-ideologia-hippies-decada-60/> Acesso em 12 de abril.